

Renascimento

Kaysak observava incrédulo a enorme destruição do vale.

Era Guardião do Universo, recentemente chegado do planeta Kapa de uma galáxia distante.

Observava com um sentimento indefinido os braços do castanheiro, erguidos ao alto, despidos, numa súplica que ninguém escutava ... Seria capaz de lembrar?

Mergulhou o seu ser resplandecente na seiva praticamente inexistente da árvore secular e observou as recordações...

Que beleza! Que maravilhoso tinha sido aquele lugar, onde apenas era visível a destruição de qualquer forma de vida.

Tinha sido uma sementinha isolada lançada para o alto do mundo. No bico de uma ave, nos braços do vento Norte que soprara violento, há uns tempos, no vale onde vivia?

A escuridão rodeava-a e assustava-a. O pedido de ajuda do seu choro descontrolado foi ouvido pelo silêncio mudo e quedo.

Os dias foram-se escoando e ela sofrendo modificações até se aperceber de uma ligeira claridade. Chamava-a e dizia: “Anda! Força! Upa! Upa!” A recompensa foi um friozinho delicioso na pontinha fugida daquela prisão escura.

Pela primeira vez, viu o sol subir e descer as escadinhas do céu da sua trajetória diária até se esconder no ocaso. Então, um manto escuro reconfortante e luminoso cobria tudo. Milhares de luzinhas acendiam-se lá longe. Aqui, bem pertinho, a sementinha – plantinha ouvia uns sons rapidamente conhecidos e bem-vindos. Os animais noturnos – os mochos, as corujas, os ouriços-cacheiros, os ratos, as cobras, os morcegos – despertavam para a vida e chiavam, piavam, rosnavam, rastejavam, deslizavam junto de si. Companheiros da noite, quando a insónia não a deixava adormecer nos braços da terra que lhe dava abrigo e sustento! O pequeno regato, que brotava das entranhas de um enorme pedregulho granítico que a abrigava do frio nortenho, acompanhava-a.

Nascera, recentemente, com uma enorme tempestade. “O mundo vai acabar” pensavam os que tinham sido apanhados pelos relâmpagos esgrimistas e os trovões ribombantes. Assim tinham falado os seus amigos animais.

O regatito de nada se lembrava. Apenas agradecia a oportunidade de conhecer o dia e a noite e de poder desbravar caminho serra abaixo, rindo e cantando entre as pedras da serrania até mergulhar num enorme rio deslizante, cujas águas revoltas e potentes corriam para o mar.

Desconhecia o seu nome. Com a chegada das aves migratórias, os dois ficaram a conhecer esse rio tão famoso por onde se escoaram durante séculos, nos rabelos, os pipos do precioso néctar, uma das marcas promotoras do país, que levava o nome da cidade de onde partia por esse mundo fora.

Por enquanto, apenas se divertiam os dois lá no alto do monte e o pequeno regato, de vez em quando, saía do seu curso e dava-lhe pequenos abraços com que lhe mitigava a sede.

Tempos felizes esses do início dos tempos para ambos...

A encosta fervilhante de castanheiros fazia a plantinha sonhar. Quando nasceu o primeiro ouriço e depois mais outro sentiu umas picadelazitas; depois, abriam-se e saíam as castanhas alegres e palradoras. Que docinhas! Tão perfumadas! Escondiam o sabor da terra e do ar da montanha.

E a roda secular foi-se movendo e chiando... lentamente ... cantando os segundos e construindo a teia firme da história do lugar.

Tantas coisas maravilhosas viu a planta durante o seu crescimento e outras nem tanto... Casais de namorados tinham-se escondido de olhares indiscretos a coberto das suas ramagens e tronco; a passarada vinha em bando fazer ninho nas suas ramagens ramificadas; incêndios tinham destruído a floresta do outro lado do rio; carros tresmalhados haviam caído nas ondas alterosas matando condutores e passageiros...

Mas, em S. Martinho soalheiro, o povo fazia uma enorme fogueira e assava as castanhas para depois se mascarrar com a cinza.

Nessa altura, vinha a aldeia toda: velhos e novos juntavam-se, no alto do monte, e divertiam-se a jogar à malha, a saltar as chamas, a beber e a comer até altas horas da noite. Era um dia de folgedos para o castanheiro, um dos mais belos do ano.

Mais tarde, quando o Manuel da Ti Ana se tornou presidente da junta, transformou aquele lugar num miradouro, com mesas e bancos de pedra, casas de banho e até forno e grelhador para o povo cozinhar as fêveras e os frangos.

E os piqueniques no Miradouro do Castanheiro tornaram-se habituais e muita gente de visita ao Douro Vinhateiro fazia ali uma paragem obrigatória para admirar a paisagem e beber o ar puro e agreste da região.

A beleza daquela zona montanhosa a todos cativava, com o rio a contorcer-se no fundo do vale, onde, numa das margens, se acantonava a linha de comboio, qual pista de rapazinho ali colocada para recreação da alma.

Com o progresso e o aparecimento das estradas alcatroadas e, mais tarde, das autoestradas e das vias rápidas a encherem os ares com ecos estranhos e aromas desagradáveis, o comboio desapareceu bem como a paz e a tranquilidade.

Do seu posto privilegiado, o castanheiro assistiu, impotente, ao avanço tecnológico, à invasão das máquinas, ao alastramento dos químicos, das bactérias, dos fumos, à frequência das chuvas ácidas, a um progressivo aquecimento global... e nada pôde fazer.

Permanecia alto e majestoso, progressivamente mais fraco, mais andrajoso, mais mendigo pedindo a esmola da vida. Isolado no alto do monte, morria. A seiva ainda teimava em correr no seu tronco centenário, mas dificilmente atingia os ramos e, de longe a longe, brotava uma minúscula folha raquítica para logo mirrar sob o sol abrasador.

O seu amigo regato mingava de ano para ano. Um fiozinho de água teimoso atingia as raízes do seu amigo e mitigava-lhe a sede. Há anos que não via nem ouvia o chilrear de um pássaro. Há anos que não havia magustos. A aldeia era habitada por autómatos que arrastavam os seus esqueletos sedentos, sequiosos, esfomeados ... pela estrada empoeirada de uma vida lazarenta e infértil.

KAYSAK afastou-se da árvore e ficou a brilhar ofuscando a luz do sol escaldante e destruidora. Transmitia uma luz fresca, aprazível e uma sensação de paz. Gostara do que vira nas memórias do velho castanheiro.

Que belo planeta! Do alto da sua energia diáfana, olhou em redor para a paisagem esturricada, poeirenta, árida, morta. Haveria uma ténue esperança?

Soprou sobre o castanheiro que, injetado com o soro da vida, remoçou. Pequenos nódulos apareceram nos ramos despídos, raquíticos e esqueléticos. Uns bocaditos de erva apareceram cautelosamente na terra junto do tronco.

O pequeno ribeirito sentiu que as forças regressavam e o caudal aumentou progressivamente e, regressando aos velhos tempos, com um jato de água envolveu o velho castanheiro num abraço amigo e saudoso regando-lhe as raízes ávidas e sequiosas.

Que alegria!

Kaysak afastou-se emanando a sua luz salvadora e continuou a sua rota.

No dia seguinte, pela primeira vez em décadas, todo o vale explodia num verde de várias tonalidades e respirava o ar fresco e vigoroso.

A natureza renascia.

E uma luz subiu em direção ao sol que ninguém viu e da qual ninguém se lembrou, pois sobre tudo descera um lençol diáfano de esquecimento.

Já no seu planeta, Kaysak foi aclamado. Era um verdadeiro Guardião do Universo e ficou com a Terra sob a sua guarda.

Até quando a conseguiria salvar e conseguiria mudar os comportamentos e as atitudes dos seres terrestres? Força de vontade não lhe faltava nem perseverança!